



ESTUDOS SISTEMÁTICOS DE *STROPHARIA* (FR.) QUÉL. NO BIOMA MATA ATLÂNTICA

1. INTRODUÇÃO

A família *Strophariaceae* Singer & A.H. Sm. está distribuída nos cinco continentes, ocorrendo no interior e na borda de mata, em campos abertos, pastos, jardins e banhados. Desenvolve-se sobre grande variedade de substratos, como madeira viva ou em decomposição, solo, serrapilheira, raízes expostas e esterco (SINGER, 1986). Basidiomas variam de pequeno e delicado a grande e robusto, com píleo pigmentado em diferentes tonalidades de amarelo, alaranjado, avermelhado, verde, vináceo e marrom; superfície do píleo úmida, subvísida a víscida, às vezes apresentando escamas; contexto geralmente carnoso; lamelas adnexas, sinuadas, adnatas, ou adnato-decurrentes, com tons variados de marrons, às vezes acinzentado a tons violáceos; estípite central, raramente excêntrico, de consistência fibrosa, bem desenvolvido, podendo estar ocasionalmente reduzido, ou raramente ausente; zona anular no estípite persistente, fugaz ou ausente; esporada variando do violáceo a negro, marrom-cinamomo a tons ferrugem (SINGER, 1986).

As espécies da família *Strophariaceae* mais encontradas no Brasil pertencem aos gêneros *Agrocybe*, *Hypholoma*, *Pholiota* e *Stropharia*, sendo os esforços amostrais concentrados nos estados do Rio Grande do Sul, Paraná e São Paulo (WATLING, 1992; MEIJER, 2001, SULZBACHER et al., 2007; BONONI et al., 2008, CORTEZ; SILVEIRA, 2008, SILVA; CORTEZ; SILVEIRA, 2012).

Por fim, é na Mata Atlântica que a maior parte das espécies de *Strophariaceae* conhecidas no Brasil foram descobertas, em especial na formação Floresta Ombrófila Mista. Assim, este trabalho visa ampliar o conhecimento da distribuição geográfica do grupo no domínio Mata Atlântica, a fim sistematizar e interpretar a família *Strophariaceae* com ênfase nas particularidades das espécies americanas e busca de novos taxa.



2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Analisar a riqueza de fungos da família Strophariaceae ocorrentes na Mata Atlântica brasileira.

2.2 Objetivos Específicos

- Realizar uma revisão morfotaxonômica das espécies de Strophariaceae ocorrentes na Mata Atlântica brasileira;
- Ampliar o esforço amostral de coleta de fungos desta família, a fim de entender sua distribuição;
- Reavaliar identificações de algumas espécies de distribuição disjunta;
- Avaliar criticamente e resolver problemas nomenclaturais existentes na família Strophariaceae;
- Contribuir para o conhecimento da diversidade de fungos macroscópicos ocorrentes no bioma Mata Atlântica.

3. MATERIAL E MÉTODOS

Serão realizadas incursões em Unidades de Conservação localizadas na Mata Atlântica durante o período de julho de 2025 a dezembro de 2030. As datas das coletas serão escolhidas conforme a ocorrência de precipitação, uma vez que a produção de basidiomas é desfavorecida com a falta de precipitações regulares. Será feita busca ativa próximo as trilhas, sem demarcação de parcelas. Para a coleta será utilizada a metodologia conforme citada por Fidalgo e Bononi (1989), que sugerem a retirada dos basidiomas com faca ou espátula, trazendo junto parte do substrato. Posteriormente os espécimes serão acomodados em caixas organizadoras de plástico, para que não quebrem ou misturem os esporos. Todo o material coletado será fotografado no local, com os dados de geolocalização registrados e as principais características macroscópicas (cor, textura, medidas, aspecto, habitat e substrato) serão anotadas em ficha de coleta.

Não há previsão possível da quantidade de material coletado, pois isso depende do que for



encontrado em cada local. Porém, como o grupo estudado foi delimitado a uma família apenas, muito raramente encontramos mais de 30 basidiomas em um dia de coleta. Vale ressaltar ainda que o basidioma é a uma estrutura de reprodução em fungos e, portanto, o indivíduo continuará presente no substrato na forma de micélio.

A descrição e mensurações macroscópicas acontecerão com os fungos ainda frescos e, após, será feita a secagem dos mesmos com sílica gel. Depois de secos, os espécimes serão embalados individualmente para transporte. Para a análise e mensuração das microestruturas serão realizados cortes histológicos convencionais e montadas as lâminas com água, solução de KOH 3% e de Vermelho Congo 1 % (LARGENT et al., 1977b).

Todos os espécimes coletados serão depositados no herbário do Departamento de Botânica da UFPR (UPCB).

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONONI, Vera Lúcia Ramos et al. Fungos macroscópicos do Pantanal do Rio Negro, Mato Grosso do Sul, Brasil. **Hoehnea**, v. 35, n. 4, p. 489-511, 2008.

CORTEZ, Vagner Gularte; COELHO, Gilberto. The Stropharioideae (Strophariaceae, Agaricales) from Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brazil. **Mycotaxon**, v. 89, n.2, p. 355-378. apr./jun 2004.

CORTEZ, Vagner Gularte; SILVEIRA, Rosa Mara B. da. The agaric genus *Stropharia* (Strophariaceae, Agaricales) in Rio Grande do Sul State, Brazil. **Fungal Diversity**, v. 32. sept. 2008.

FIDALGO, Oswaldo; BONONI, Vera Lúcia Ramos. **Técnicas de coleta, preservação e herborização de material botânico**. Série Documentos. Instituto de Botânica, São Paulo, jan. 1989. 62 p.

LARGENT D. L; JOHNSON, D.; WATLING, R. **How to Identify Mushrooms to Genus III: Microscopic Features**. Eureka, Eureka Publishing. 1977.

MEIJER, André August Remi de. Mycological work in the Brazilian state of Paraná. **Nova Hedwigia** 72: 105-159. 2001.

SILVA, Paula Santos da; CORTEZ, Vagner Gularte; SILVEIRA, Rosa Mara Borges da. Synopsis of the Strophariaceae (Basidiomycota, Agaricales) from Floresta Nacional de São Francisco de Paula, Rio



Grande do Sul State, Brazil. **Hoehnea** v. 39, n. 3, p. 479-487, 2012.

SINGER, R. **The Agaricales in modern taxonomy**. 4 ed., Koeltz Scientific Books, Koenigstein, Germany. 1986. 981p.

SULZBACHER, Marcelo Aloisio et al. Nota sobre os fungos Agaricales (Basidiomycota) da Estação Ecológica de Aracuri, Esmeralda, Rio Grande do Sul, Brasil. **Biociências**, Porto Alegre, v. 15, n. 1, p. 143-153, jan. 2007.

WATLING Roy. Observations on the Bolbitiaceae – 30: Some Brazilian Taxa. **Boletín de la Sociedad Argentina de Botánic**, v. 28, n. 1-4, p. 77-103. 1992.